

## **REPRESENTAÇÕES DE ÍNDIOS. REPERTÓRIOS PARA A NACIONALIDADE NA NOVA ORDEM REPUBLICANA-1927/1930**

**Aluno: Patrícia Costa Grigório**

**Orientador: Eunícia Barros Barcelos Fernandes**

### **Introdução**

A pesquisa se realizou, neste primeiro momento, na busca e análise de imagens de índios encontradas na Revista *O Malho* durante os anos de 1927 a 1930. Inicialmente a ênfase se dirigia às charges publicadas pela revista, mas no decorrer do processo de pesquisa foram localizados diversos outros tipos de imagens como fotos e propagandas. A partir da coleta e reunião destas figuras tornou-se possível identificar diferentes formas de utilização de imagens de índios na imprensa do período e, ao mesmo tempo, explorar os vários tipos de visão que a sociedade daquele tempo possuía dos silvícolas.

### **Objetivos**

Procuramos verificar quais eram as representações públicas e compartilhadas acerca dos indígenas durante a Primeira República, identificando possíveis conexões destas representações com um discurso sobre o nacional. Procuramos pensar como a sociedade via e pensava o elemento indígena no novo momento republicano, o que implicava num processo de construção da cidadania.

### **Metodologia**

A partir das primeiras informações reunidas, podemos pensar um pouco a respeito da disposição nestes três anos das imagens na revista. As imagens encontradas no periódico nos anos de 1927/28 possuem uma característica em comum: a utilização do elemento indígena para representar o Brasil. Em alguns momentos ele é representado de forma tradicional, isto é, de tangas e cocar de penas e em outros momentos, com roupas como terno e gravata, trazendo como um elemento de identificação um pequeno cocar, mas de um modo ou de outro os índios são associados diretamente ao Estado brasileiro.

Em relação a 1929, podemos dizer que ele é um ano politicamente agitado e a principal e mais destacada fonte de críticas políticas é a charge. Várias charges se apropriam de uma prática indígena, a antropofagia, para descrever e se referir a uma situação onde, para os chargistas da revista, os políticos da Aliança Liberal perderam todas as noções básicas de “civilidade” e atacam uns aos outros. A referência aos rituais antropofágicos praticados pelos indígenas brasileiros - onde os inimigos capturados nas guerras inter-tribais eram sacrificados e comidos - é utilizada para demonstrar como o partido agia indiscriminadamente contra seus próprios correligionários. Na interpretação da revista, esta “antropofagia” teria se tornado uma guerra, extrapolando todas as regras e procedimentos tradicionais, pois, ao contrário da tradição indígena onde somente os inimigos eram atacados e sacrificados, os liberais estavam atacando e “devorando” os membros da própria “tribo”.

Além das charges, duas reportagens publicadas em 1929 têm o objetivo de trazer ao conhecimento do leitor o trabalho realizado pelo Serviço de Proteção ao Índio junto a informações sobre o modo de viver dos índios brasileiros. Podemos, através do relato, tomar conhecimento de uma parte do trabalho dos agentes do Serviço e de como agiam nesta tarefa de levar a civilização a aqueles povos. Há uma expressiva exaltação ao trabalho dos agentes, que merecem a gratidão da sociedade por tão valoroso e importante serviço. A reportagem nos mostra claramente que não há nenhum trabalho no sentido de conhecer mais profundamente

as populações indígenas nem intenção de preservação das suas práticas culturais; o objetivo é integrar o elemento indígena à nação. A instalação de escolas nas aldeias, a implementação de atividades produtivas e até mesmo a implementação de atividades esportivas completamente estranhas aos índios, como o futebol, nos permitem conhecer as práticas utilizadas para cumprir a função.

No ano de 1930 a revista dá muita ênfase aos fatos e conflitos políticos, em função da grande movimentação do período. Na maioria das caricaturas e charges, o comentário versa sobre os últimos acontecimentos que mexem com o país e a elite política é a principal personagem, com destaque para aqueles indivíduos que estão envolvidos diretamente nas questões. Essas críticas políticas não recorrem muito às imagens de índios, mas, ao mesmo tempo, vemos um número maior delas em propagandas. As imagens aparecem principalmente em produtos naturais como xaropes e tônicos, o que pode nos indicar que tipo de percepção estava sendo construída e absorvida por aquela sociedade acerca dos índios. Podemos observar essa percepção especialmente através do como se estabeleciam as relações entre os produtos anunciados e as representações indígenas. A partir do material coletado neste ano podemos dizer que os índios - ou qualquer tipo de menção aos mesmos - não tinham importância no que dizia respeito aos assuntos considerados prioritários para o país, como no caso da política, por outro lado, podemos perceber suas influências e presença no dia-a-dia das pessoas.

### Conclusões

Num primeiro momento podemos dizer que há algumas mudanças na forma de apropriação das imagens dos índios nestes três anos de publicação da revista. Se no início, as utilizam o índio para representar o país - o Brasil é o índio - , nas outras imagens encontradas posteriormente, índios são utilizadas para representar ou fazer menção a outros elementos. Servem para remeter a algum tipo de conhecimento acerca da natureza e até algumas práticas, como a antropofagia, são utilizadas para classificar e qualificar atitudes políticas. Se essas representações podem estabelecer alguma relação com uma idéia de nacional, essa possibilidade não se apresenta de forma imediata, bastante diferente do que acontece com a charge existente na edição de Novembro de 1928 onde o índio é claramente o Brasil.

As reportagens publicadas em 1929 criam uma imagem do trabalho de SPI – Serviço de Proteção ao Índio: integrar os índios à sociedade brasileira, “*converter á Civilização os retardatários della*”. Sendo assim, estas análises nos permitem dizer que há um certo distanciamento entre um índio imaginado e idealizado pela sociedade, que se encaixa num ideal de nação, e aquele outro índio, real e incivilizado, que deve ser incluído em um projeto de homogeneização e de integração à sociedade brasileira.

### Referências

- 1 - BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984
- 2 - BURKE, Peter. “*Narrativas visuais*” e “*A história cultural das imagens*”, In: **Testemunha ocular**. São Paulo: EDUSC, 2004.
- 3 - VELLOSO, Mônica Pimenta. “*A caricatura como um dos sinais da história*”, In: **Modernismo no Rio de Janeiro**. RJ: FGV, 1996.